

Olhares e abordagens sobre crianças trans

Looks and approaches on trans children

Miradas y enfoques sobre niños(as) trans

Mariluci Vieira Gomes de Souza Gonçalves¹, Neil Franco²

RESUMO

Objetivo: conhecer possíveis olhares e abordagens sobre crianças trans. **Método:** ensaio teórico reflexivo, baseado em levantamento bibliográfico, utilizando-se a combinação de vários descritores: “criança *trans*”, “transexualidade infantil”, “transexualismo infantil”, “criança transexual”, “transexualidade na infância” e “universo *trans* infantil”. **Resultados:** foram encontradas 11 publicações entre os anos de 2005 e 2018, indicando recente interesse investigativo sobre a temática. Com base no material, foram construídas três categorias de descrição e análise, com ênfase em estudos sobre transexualidade nas mídias e vivências *trans*. A patologização desse fenômeno foi pouco exaltada no levantamento. Os dados também apontaram o campo das ciências humanas como mais interessada nessa temática, seguida das ciências da saúde, em que as investigações se sustentam em abordagens qualitativas de pesquisa e, sua maioria, propõe interrelações entre fontes empíricas, bibliográficas e/ou documentais. **Conclusão:** além da pouca produção sobre a temática nas mais diversas áreas pesquisadas, os estudos predominantemente ressaltam as memórias acerca da infância de adultos(as) *trans*, não se propondo a trabalhar com as crianças no momento em que vivem a construção do gênero.

Descritores: Transexualismo; Identidade de Gênero; Criança.

ABSTRACT

Objective: to know possible perspectives and approaches made about trans children. **Method:** reflective theoretical essay, based on a bibliographic survey, using

¹Psicóloga. Especialista em Relações de Gênero e sexualidades em perspectivas interdisciplinares. Psicóloga clínica. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: luvg Souza@yahoo.com.br ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-6445-3100> **Autor principal** – Endereço para correspondência: Travessa N. Senhora do Amparo, 22, São Mateus, CEP 36028-220, Juiz de Fora - MG, Brasil.

²Licenciatura Plena em Educação Física. Doutor em Educação. Professor da Faculdade de Educação Física e Desportos e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil. E-mail: neilfranco010@hotmail.com ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1276-8901>.



Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

the combination of several descriptors: “trans child”, “child transsexuality”, “child transsexualism”, “transsexual child”, “childhood transsexuality” and “trans child universe”. **Results:** 11 publications were found between the years 2005 and 2018, indicating recent investigative interest on the subject. Based on the material, three categories of description and analysis were built with emphasis on studies on transsexuality in the media and trans experiences. The pathologization of this phenomenon was little exalted in the survey. The data also pointed to the field of the human sciences as more interested in this theme, followed by the health sciences, in which the investigations are based on qualitative research approaches and most of them propose interrelationships between empirical, bibliographical and / or documentary sources. **Conclusion:** besides the little production on the theme in the most diverse areas researched, the studies predominantly highlight the memories about the childhood of trans adults, not proposing to work with children when they live the construction of gender.

Descriptors: Transsexualism; Gender Identity; Child.

RESUMEN

Objetivo: conocer posibles miradas y enfoques sobre niños(as) trans. **Método:** ensayo teórico reflexivo, basado en encuestas bibliográficas, utilizando la combinación de varios descriptores: “niño trans”, “transexualidad infantil”, “transexualismo infantil”, “transexualidad en la infancia” y “universo trans infantil”. **Resultados:** se encontraron 11 publicaciones entre los años 2005 y 2018, lo que indica un interés de investigación reciente en el tema. Con base en el material, se construyeron tres categorías de descripción y análisis, con énfasis en estudios sobre transexualidad en los medios de comunicación y experiencias trans. La patologización de este fenómeno fue poco exaltada en la encuesta. Los datos también señalaron el campo de las ciencias humanas como más interesado en este tema, seguido por las ciencias de la salud, en el que las investigaciones se basan en enfoques de investigación cualitativa y la mayoría de ellas proponen interrelaciones entre fuentes empíricas, bibliográficas y / o documentales. **Conclusión:** además de la poca producción sobre el tema en las áreas más diversas investigadas, los estudios destacan predominantemente los recuerdos sobre la infancia de los adultos trans, no proponen trabajar con niños cuando viven la construcción del género.

Descriptores: Transexualidad; Identidad de Género; Niño.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o discurso que envolve as infâncias partia de um total desconhecimento a uma natureza a ser corrigida, “[...] um ser assexuado, sem desejo próprio, imaturo. Essa ideia imperou por muito tempo e foi somente a partir das

teorizações de Freud que tal concepção se modificou”¹. Nesse trajeto, em especial no século XX, crianças passaram a ser vistas como seres não somente sexuados, mas também dotados de um gênero que poderia ser (re)construído e corrigido, sobretudo pelo olhar da psiquiatria e

medicina, que ampliavam seus estudos e a supremacia na definição da constituição dos corpos em sociedade².

A construção do gênero é social e não se relaciona com o biológico³. Essa ideia foi defendida nos debates para a organização do DSM-5 (*Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*), apontando que pode ser que se afirme que seu texto não se dedique ao gênero, e sim a um tipo de expressão de gênero aceitável para meninos e meninas. Este equívoco já foi descrito pelos estudos feministas ao sinalizar que tal percepção está presente no DSM-III, permaneceu no DSM-IV e se consolidou no DSM-5. Assim, a polêmica se instala na argumentação de que não se identifica a “disforia de gênero” em crianças por um exame clínico³.

Acerca da patologização das identidades *trans*, é importante contextualizar sobre a construção do DSM³. A primeira versão foi publicada em 1952 e, após isso, foram feitas cinco revisões; sendo que a última, o DSM-5, foi publicada em 2013. Ressalta-se o considerável aumento de doenças diagnosticadas com “transtorno mental” ao longo de cada

atualização do manual, destacando uma categoria específica: os critérios diagnósticos da “Disforia de gênero” (DSM-5), que na versão anterior era denominado de “transtorno de identidade de gênero”, e sua possível saída do manual enquanto categoria diagnóstica, ou seja, a transexualidade deveria ou não continuar fazendo parte dele?³

Um estudo³ fez algumas ponderações que envolvem a relação das patologias com os grupos farmacêuticos, com o mercado de seguro/plano de saúde e o pronto atendimento à população transexual. Este apresenta um argumento de grande valor, que se refere à universalização de diagnósticos que na verdade foram desenvolvidos para uma realidade específica: a norte-americana, que não abarca todas as outras realidades, como a brasileira³. A pesquisa acrescenta a discussão sobre os direitos dos(as) transexuais e aponta que, apesar de algumas propostas para a regulamentação da documentação desses sujeitos, ainda nenhuma delas no Brasil desvincula o processo da dimensão diagnóstica. Ressalta que a produção de leis que contemplem direitos das pessoas *trans* se alteram mediante a compreensão

do conceito de gênero de cada legislador³.

É relevante mencionar que apesar da positiva militância em busca de direitos e visibilidade, entende-se que o aspecto biológico e físico nem sempre representa uma demanda à(ao) transexual, ou seja, não existe unanimidade quando o assunto se refere às possibilidades de modificações corporais e cirúrgicas. A postura médica pode servir como um reparador social, construindo dois polos de identificação: de um lado aqueles(as) que atravessam a fronteira e, do outro, aqueles(as) que “ilegalmente” vivem “sobre” a fronteira⁴. Com isso, para se compreender a transexualidade, é importante observar que o sistema binário masculino/feminino se sustenta na imposição de que o gênero é um reflexo do sexo biológico, posicionando os corpos em consonância com disposições naturais pré-determinadas⁵.

Assim, a transexualidade é entendida como “[...] uma experiência identitária, caracterizada pelo conflito com as normas de gênero”⁵ que subverte o binarismo e tudo que é culturalmente aceito e que envolve discussões referentes ao

gênero e à sexualidade.

Com vistas a enriquecer esse debate, discorre-se sobre o conceito de universo *trans*^{2,6}. Tal expressão amplia o leque das definições que abarcam os sujeitos gênero-discordantes e tem como objetivo promover a ampliação do conhecimento acerca dessas pessoas na tentativa de superar os olhares que reforçam o exotismo e a vitimização recorrentes na sociedade.

Partindo dessas discussões, a questão norteadora deste estudo é entender como os mais diversos campos de conhecimento têm compreendido na atualidade o fenômeno da transexualidade infantil e divulgado esses estudos no campo científico. Essa proposta se justifica pela necessidade de se conhecer e reunir o que tem sido produzido sobre as infâncias *trans* no contexto brasileiro, considerando que em pesquisa inicial em bases de dados acadêmicas evidenciaram-se poucos estudos acadêmicos existentes sobre o tema. Dentre estes, um anuncia-se como uma pesquisa bibliográfica, por meio de busca de trabalhos que abordam a transexualidade infantil, encontrando 10 artigos publicados nos últimos dez anos⁷. No entanto, esses

estudos não são apresentados, listados ou discutidos ao longo do texto, o que mostra que pouco foi produzido sobre a temática.

Tais argumentos revelam a relevância do presente estudo, uma vez que se propõe à construção de um inventário⁸ sobre o fenômeno da transexualidade infantil a fim de descrevê-lo e analisá-lo, aspecto não observado em outras pesquisas. Além disso, a inquietação norteadora do estudo foi a possível constatação da falta de atenção nesse período de desenvolvimento humano quando essa manifestação de gênero é evidenciada. Dessa forma, o estudo objetiva conhecer possíveis olhares e abordagens sobre crianças trans.

MÉTODO

Estudo do tipo ensaio teórico reflexivo, com o intuito de construir formulações discursivas de impacto teórico sobre a situação global em que se encontram as discussões⁸ acerca da transexualidade infantil e a possível constatação de um não olhar para esse período do desenvolvimento humano quando essa manifestação de identidade de gênero é evidenciada.

Nesse sentido, assumiu-se uma abordagem qualitativa de pesquisa,

compreendida como uma atividade situada, composta por práticas teóricas, materiais e interpretativas que localiza o(a) observador(a) no mundo, assim como oferece visibilidade a esse mundo⁹.

Com base nisso, realizou-se um levantamento nas bases de dados acadêmicas *Scielo* e Google Acadêmico, encontrando 11 publicações sobre a temática, entre o período de 2005 a 2018, sendo sete artigos publicados em periódicos, três textos completos publicados em anais de eventos científicos e um capítulo de livro. A busca foi realizada a partir dos termos: criança trans, transexualidade infantil, transexualismo infantil, criança transexual, transexualidade na infância e universo trans infantil.

Quadro 1 - Relação categoria/tipo de publicação.

Categorias	Artigos	Textos	Capítulos	Total
Transexualidade infantil e mídias	4	-	-	4
Vivências <i>trans</i> na infância	2	2	1	5
Transexualidade infantil e patologização	1	1	-	2
Total	7	3	1	11

Após o estabelecimento das categorias, seguem as análises e discussão fundamentadas nos estudos e nas relações possíveis entre eles,

evidenciando o que os aproxima e o que os distanciam.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Das 11 publicações encontradas, identificou-se um recorte temporal entre os anos de 2005 e 2018.

Esse recorte demarca uma linha de interesse sobre a transexualidade, que passa a tomar o cenário investigativo no final da primeira e segunda décadas do século XXI, em especial, numa perspectiva histórica, social e cultural⁴. Os indícios dessa afirmativa também se sustentam, por exemplo, quando se visualiza o campo de atuação dos(as) 23 autores(as) das 11 publicações. Quinze se situam na área das Ciências Humanas (sete Educação, cinco Psicologia, duas Sociologia e uma Antropologia) e sete nas Ciências da Saúde (cinco Medicina, uma Fisioterapia e uma Técnica em Enfermagem). Não foi possível identificar a área de formação e atuação de um autor.

Como descrito no quadro 1, com base no material levantado foram construídas três categorias de descrição e análise, com ênfase em estudos sobre transexualidade infantil

nas mídias e vivências *trans*. A patologização desse fenômeno foi pouco exaltada. Como será descrito a seguir, as investigações se sustentam em abordagens qualitativas de pesquisa e, sua maioria, propõe interrelações entre fontes empíricas, bibliográficas e/ou documentais.

Transexualidade infantil e mídia

Nessa categoria, se destacam quatro publicações que abordam a transexualidade infantil a partir de artefatos midiáticos como filmes, documentários ou artigos apresentados em sites que discutem temáticas voltadas para o cotidiano. Dois estudos se utilizam dos filmes *Ma vie en rose* (1997) e *Tomboy* (2011), que a partir de enredos que envolvem a discordância de gênero em crianças pequenas, enfocam a aceitação familiar, escolar e social, bem como a forma com que o cinema pode trazer discussões e reflexões importantes para a compreensão desse fenômeno tão complexo.

Tendo como ponto de partida os filmes *Tomboy* (2011) e *Ma vie en rose* (1997), um dos estudos analisa a construção e a apresentação do gênero em crianças *trans*, abordando

aspectos biológicas, sociais, culturais e médicas da transexualidade infantil¹⁰. Ressalta os impasses educacionais e familiares pelos quais essas crianças passam e encerra afirmando a importância da cinematografia ao conseguir abordar temas muitas vezes invisibilizados no cotidiano pela sociedade¹⁰.

O outro estudo⁷ apresenta uma articulação entre reflexões bibliográficas e análise do filme *Ma vie en rose*. Realizou uma pesquisa em bases de dados (Lilacs e Scielo) e sites de interesse selecionando 10 artigos publicados nos últimos anos. Devido à dificuldade encontrada pela pouca produção nacional, firmou-se a ideia de que ainda há muito que se falar da transexualidade infantil, principalmente em razão da grande quantidade de conceitos errôneos e obscuros que ainda são utilizados e divulgados. As peculiaridades de estudos sobre a transexualidade infantil se evidenciam, visto que todas as pessoas passam por processos identitários, e situa “[...] o cinema como uma ferramenta de intervenção para melhor reverberar a discussão do assunto em destaque”⁷.

Por fim, esse estudo⁷ aponta a dificuldade em se estudar e difundir

temáticas que estão profundamente envolvidas em dogmas culturais, religiosos e científicos, como são postas as problematizações que envolvem as infâncias. Apesar de ter sido realizada uma revisão de literatura, o material levantado nas bases de dados não foi descrito e analisado.

Seguindo pela via imagética, um artigo¹¹ analisou a construção do gênero na infância, com enfoque na transexualidade, baseada no documentário *Meu eu secreto - histórias de crianças trans* (2007), que apresenta situações, falas e exemplos de como essas crianças vivenciam a posição de gênero discordante na sociedade. Seu objetivo foi constatar como os filmes podem contribuir na identificação dos tabus e na reflexão de preconceitos.

Discorre sobre o caráter idílico da infância, em que as crianças estão isentas de preocupação, contrapondo assim a situação pela qual as crianças transexuais passam ao se depararem com a impossibilidade de exercerem o gênero ao qual se sentem pertencentes e a dificuldade com que pais e mães lidam com essa situação¹¹. Assim, entra em pauta o valor e a necessidade do

acompanhamento especializado para as crianças, bem como a importância desse auxílio aos pais e mães que precisam também fazer uma ressignificação emocional e psíquica de uma nova criança¹¹.

Outro estudo¹² analisou os impactos levantados pelo cinema ao seu público e as pedagogias culturais exercitadas nesse processo. Segundo este, com significativo poder de sedução e autoridade, os filmes desempenharam e desempenham pedagogias da sexualidade e do gênero sobre sua audiência, trazendo à tona as dimensões sociais e culturais que envolvem essas construções e possibilidades de novas formas de interpretação desse fenômeno.

Abordando outro recurso midiático, um artigo¹³ analisou uma reportagem postada no site “Dicas de Mulher”. A matéria tem como título “Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor” e aborda a transexualidade infantil e a forma como os artefatos influenciam no cotidiano da sociedade, posicionando-a perante os conflitos, escolhas e opiniões. Assim, após essa análise, o estudo pretendeu compreender a (re)produção da transexualidade infantil pelas mídias digitais¹³.

O estudo¹³ aponta que o conteúdo abordado pela reportagem serve como forma de nortear os cuidados que os pais e as mães devem ter no trato, ou ao descobrirem que seu(sua) filho(a) manifesta afinidades com o universo transexual. Ao longo da entrevista são abordados conceitos de gênero, que são apresentados como informações importantes para que se conheça mais desse universo e que os preconceitos possam ser minimizados após a informação.

Esse trabalho faz um apanhado conceitual da metodologia utilizada, como os Estudos Culturais, que buscam a democratização do saber e visibilidade das diversas expressões culturais; os Artefatos Culturais, concebidos como produções culturais com o poder educativo; e as Pedagogias Culturais, que é tudo aquilo que traz ensinamentos e conhecimentos e estão diretamente ligadas aos artefatos culturais. Acrescenta ainda que as pedagogias estão sempre em movimento e em transformação, tendo como pauta as modificações e os trajetos tomados pela sociedade¹³.

Os quatro estudos descritos e analisados nesta seção levam à compreensão de que as dicotomias

homem/mulher, heterossexual/homossexual não alcançam as variadas possibilidades de construir os gêneros e viver as sexualidades, existindo pessoas que, para além de escolherem viver num lugar ou em outro, optam pela fronteira, “numa espécie de entrelugar”¹².

De acordo com o contexto apresentado, o cinema e os meios de comunicação, de forma geral, apresentam e representam muito do que se é produzido e pregado culturalmente. Além disso, ressaltam a vida social como um fenômeno histórico, carregado de significados inerentes a cada sociedade. Esse aspecto também se evidencia nos estudos que buscaram entender o fenômeno da transexualidade na infância por meio de percepções de adultos(as) *trans*, como será mostrado a seguir.

Vivências *trans* na infância

As cinco publicações descritas a seguir abordam as vivências *trans* na infância. São pesquisas de cunho empírico com enfoque nas memórias e vivências infantis de adultos(as) transexuais. Duas delas se utilizam de

recursos metodológicos *on-line* e uma de entrevista narrativa. As outras são anunciadas como sendo de cunho etnográfico.

Um dos estudos foi baseado em uma pesquisa *on-line* em 2009 em que 121 pessoas que se identificavam como transgênero participaram, respondendo a um questionário que abordava os seguintes pontos: 1- a idade da epifania, 2- experiências comuns vivenciadas entre os(as) participantes, 3- idade de aquisição de vocabulário que expressasse a transexualidade, 4- possibilidade de expressar sua identidade de gênero nos locais em que a criança circulava¹⁴.

Nessa pesquisa, revisitam-se as memórias infantis dos(as) adultos(as) entrevistados(as) e ressalta-se que esse projeto “[...] promove evidências, ao contrário do que possa ser esperado, que crianças transgênero tomam consciência do que são realmente muito mais jovens do que se considerava anteriormente; então, elas ocultam ou suprimem suas identidades de gênero”¹⁴. Ressalta-se ainda a constatação do pouco que foi produzido sobre a temática¹⁴.

Nessa mesma linha, um trabalho apresentado no Seminário

Internacional Sexualidades¹⁵ Enlaçando disponibilizou um formulário *on-line* para que pessoas *trans* pudessem discorrer sobre a primeira vez em que sentiram que não se identificavam com o gênero biológico, também chamado de momento da epifania. Buscou-se entender o que acontecia nesse momento e como se sentiam as pessoas ao rememorarem essas experiências. Para isso, foram selecionadas 10 pessoas: três travestis, três mulheres transexuais, três homens transexuais e um *crossdresser*. Entre algumas discussões abordadas, argumenta-se o fato de que “[...] as crianças *trans* reconhecem, desde a mais tenra idade, que enfrentam intensas ameaças e pressões sociais para que não performem o gênero da forma que lhes soa mais ‘natural’, outro termo frequente nas falas”¹⁵.

Outra polêmica foi a importância da aparência; a forma como estariam comunicando ao mundo sua expressão de gênero e, a partir disso, discute-se a heteronormatividade desencadeada pela transexualidade, ou seja, uma tentativa de negar as vivências homoafetivas ou biafetivas,

privilegiando vivências heterossexuais. O texto finaliza questionando se o sofrimento pelo qual as crianças transexuais passam é realmente necessário, considerando os processos de patologização e invisibilização a que são expostas ao longo da vida¹⁵.

Duas pesquisas^{16,17} apresentam uma proposta etnográfica acerca das memórias de adultos(as) paraibanos(as) com enfoque no trajeto vivenciado enquanto crianças que se entendiam pertencentes a um gênero diferente ao que foi atribuído ao nascer.

No 18º Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR), foi apresentado um relato bastante profundo de uma mãe de uma criança *trans*; suas dúvidas, temores e culpas que envolvem a maternidade¹⁶. A partir daí, ela apresentou sua pesquisa realizada com cinco jovens transexuais na cidade de João Pessoa (PB), sendo duas mulheres *trans* e três homens *trans*. Nas entrevistas, as lembranças dos sujeitos remetem a uma forte sensação de desarmonização; recordações baseadas nas constantes vivências de tensões formadas em torno das

experimentações infantis de gênero discordantes, do sexo biológico e memórias que alternam entre momentos de desespero e prazerosas descobertas identitárias¹⁶.

Além das problemáticas que envolvem o corpo *trans*, outras dimensões simbólicas são envolvidas, como a autonarrativa do corpo em busca de alterações anatômicas e/ou subjetivas e as representações sociais incididas no corpo transgressor ao longo de sua transição e de sua interação com outros corpos. Em suas discussões, a autora esclarece: “Baseio-me na compreensão de que as crianças, de forma geral, passam por adaptações e variações de gênero, algumas com mais intensidade do que outras e algumas mais perceptíveis que outras”¹⁶.

O outro trabalho¹⁷ dessa autora é em tom de desabafo, em que relata sobre a experiência e descoberta de seu filho *trans*, observando a importância de desenvolver uma pesquisa acerca das infâncias *trans*. Salienta que seu foco de análise gira em torno das situações de tensão que se formam em suas relações familiares e sociais, assim como das condições provocativas e transformadoras nas vidas das

crianças diante de suas condições transgressoras e fronteiriças do gênero. Levanta o debate sobre a patologização da transexualidade, debatendo prós e contras desse movimento. Conclui argumentando sobre a necessidade social de padronizar a forma de ser *trans*, negando, com isso, sua pluralidade.

Os estudos dessa categoria elucidam o fenômeno da transexualidade como um confronto com as normas de gênero, “uma experiência identitária”, que subverte os binarismos culturalmente construídos para definir o gênero e as sexualidades, expresso pelas experiências de pessoas adultas, confirmando a infância como um momento da vida de restritas possibilidades de manifestação dos desejos e compreensões reais do sujeito sobre si⁵.

A construção dos *scripts de gênero* nas infâncias também é discutida, com ênfase na transexualidade fundamentada na teoria *queer* e em estudos que abordam o universo *trans*¹⁸. Este estudo teve como foco as situações que estão em jogo na Educação Infantil e a construção do gênero e da sexualidade das crianças¹⁸.

Por meio de entrevista narrativa, três mulheres e três homens *trans* foram interrogados sobre como foi sua infância, se, quando crianças, acreditavam em “corpos errados”. Esse texto questiona quais situações estão em jogo na escola, principalmente na Educação Infantil, quando o tema é a constituição de gênero e sexualidade das crianças. Além disso, busca compreender em que medida a transexualidade pode se manifestar na infância e de que forma ela pode ser compreendida ou confundida com as posições propostas para o masculino ou feminino¹⁸.

Como conclusão, o artigo apresenta que, apesar do sofrimento pelo qual essas pessoas *trans* passaram na infância, manifestam o desejo de que a escola seja um lugar mais empático e diverso, em que as crianças possam igualmente usufruir da liberdade de ser o que desejam e sobrepujam a importância de maiores estudos, produções e problematizações por parte da comunidade escolar¹⁸. A escola “sustenta os preceitos heteronormativos e dá continuidade ao cumprimento de vigiar e regular os sujeitos infantis que ‘cruzam a

fronteira’ estabelecida pela norma”¹⁸.

Considerando o viés empírico de investigação que permite a construção de pesquisa a partir das vivências de sujeitos em seus meios sociais e culturais, esses cinco estudos reafirmam a restrita produção de conhecimento sobre a temática⁷.

Transexualidade infantil e patologização

Sob outra perspectiva, os dois estudos que integram essa categoria assumem o gênero discordante como um fenômeno de cunho médico ou passível de diagnóstico. Um apresenta o relato de um processo terapêutico de uma criança de 2 anos e 8 meses para que pudesse “aceitar sua identidade masculina”¹⁹.

O texto inicia-se apresentando a linha terapêutica utilizada, denominada de “processo sistêmico novo-paradigmático e psicodramático”¹⁹. Esse estudo optou por abordar correntes psicológicas que acreditam na força ambiental e nas predisposições biológicas, privilegiando as relações intersubjetivas e dando grande relevância às construções sociais. Para este, o terapeuta sistêmico novo-

paradigmático trabalha com uma visão do todo, reconhecendo e focalizando as relações recursivas existentes não apenas no sistema familiar, como também no sistema terapêutico, em que ele próprio se inclui¹⁹.

Ao longo do estudo, fazem-se críticas às posturas de suposto saber do psicólogo e à forma nosológica, ou seja, às proposições diagnósticas utilizadas pela Psicologia. Apesar disso, o paciente do estudo é tratado de acordo com um diagnóstico médico baseado no CID: *Transtorno de identidade de gênero (f64)*. Assim, o trabalho desenvolvido com o paciente foi uma tentativa de despertar desejos, atitudes e comportamentos esperados de um menino de 2 anos de idade, que excluem o desejo de ser como a irmã, vestir suas roupas, brincar com bonecas e usar maquiagem¹⁹.

Essa metodologia é sustentada com base na queixa apresentada pelos familiares no momento da entrevista inicial, que relataram uma não aceitação desses comportamentos do filho, visto que não queriam ter um filho homossexual. Ao longo da terapia, a psicóloga estimula os comportamentos masculinos, brincadeiras de meninos e a

convivência com o pai, para que a criança pudesse de fato compreender como se comportar, uma vez que, considerando a relação sexo-gênero, na perspectiva dos(as) familiares e da terapeuta, era um menino¹⁹.

Ao final do artigo, as autoras anunciam que o objetivo foi alcançado, pois hoje, com 9 anos, o menino conseguiu diferenciar-se psicologicamente da irmã e aceitou o desempenho dos papéis sociais atribuídos à masculinidade: “O sofrimento em torno da narrativa dominante foi desconstruído, e a identidade de gênero do menino foi reconstruída”¹⁹.

Esse trabalho apresenta controvérsias: “Costa e Vanin adotam uma postura teórica que parece uma sopa de letrinhas que se juntam para formar uma série de termos psicológicos perdidos de sentidos”¹⁶. Corroborando esse ponto vista, observa-se a miscelânea teórica utilizada a fim de apoiar, justificar e explicar sua postura em relação ao tratamento, que nada mais é que uma forma de normatizar comportamentos socialmente exigidos, solicitados pelos familiares da criança.

Seguindo também uma vertente diagnóstica, um trabalho

apresentado no XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades faz um apanhado bibliográfico sobre o Transtorno de Identidade de Gênero (TIG), a fim de obter um panorama da temática, buscando assim contribuir com ações e discussões acerca do tema com foco no universo infantil e infantojuvenil²⁰.

No entanto, é exaltado o viés médico e patologizante ao serem discutidas as transgeneridades, visto que são baseadas em um diagnóstico médico. O TIG é visto como uma condição rara e complexa de cunho psicossocial e que pode ser desenvolvido por causas hormonais e genéticas, capacidade de autoconhecimento e atitude dos pais e mães quanto à manipulação do comportamento da criança²⁰. O texto ainda ressalta que não se deve confundir o transtorno com homossexualidade, travestismo, transexualismo e não correspondência de gênero²⁰.

Para tal explanação, foram utilizados 10 artigos estrangeiros e uma tese brasileira - material levantado a partir de buscas nas bases de dados MedLine e LiLacs, com recorte temporal entre 2011 e 2015, utilizando como descritores os termos:

*transtorno, identidade, gênero e criança*²⁰. Após as análises, foram anunciadas possíveis associações entre TIG e Transtorno de Espectro Autista (TEA) e o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), ressaltando a necessidade de ampliação de pesquisas na área²⁰.

Os dois últimos estudos^{19,20} apresentados confirmam a argumentação que destaca que o diagnóstico de gênero é embasado nas características que envolvem a “diferença sexual natural dos corpos como origem explicativa das identidades”²⁰, bem como que esse é um dos pontos que precisam ser combatidos ao se falar sobre a patologização da transexualidade²⁰.

Nessa vertente, além da perspectiva diagnóstica, encontra-se outro ponto pertinente a ser observado, que é a ideia de que o corpo precisa ser educado e que essa educação irá definir o modo mais adequado de se relacionar social e culturalmente. Com isso, expõe-se a teoria de John Money, chamada de “teoria da neutralidade psicossocial congênita dos andróginos”, que defende a supremacia da educação em relação a fatores biológicos. Assim, outro texto²¹ refere que ainda

que Money tenha desenvolvido sua teoria baseada em estudos sobre os andróginos, ele se dedicou a estudar o desenvolvimento sexual humano em geral, por isso sua teoria foi amplamente aplicada a todas as crianças, apresentassem ou não alguma problemática de gênero ou sexual, na tentativa de entender se é a natureza ou a educação que constitui a identificação sexual.

Apesar de essas teorias de educação do corpo terem sido desenvolvidas na década de 1950 e considerando que os estudos de gênero avançaram sobre esse olhar, observa-se ainda hoje vertentes essencialistas em ação, desconsiderando, com isso, a subjetividade e o desejo da criança, que não é visto ou tomado como relevante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo, verifica-se que indiferentemente à linha que cada estudo assumiu e os mais diversos olhares apresentados, a maioria dos(as) autores(as) argumentam sobre a importância de investigações acerca das crianças *trans*. Isso porque constatou-se que os trabalhos são de

fato escassos e há necessidade de se desenvolver olhares e teorias que envolvam essa classe de pessoas, que por diversos motivos são invisibilizadas e pouco compreendidas em seus desejos.

Ao longo da história, foi dado à criança um lugar de pouca atenção, salvo os momentos em que havia completa dependência, como no caso dos bebês. As crianças foram por muito tempo negligenciadas em seus desejos e suas necessidades. Com o desenvolvimento de estudos e teorias que envolviam as infâncias, houve um salto no que se refere ao cuidado e à educação dispensados às crianças, mas algo que ainda hoje parece ter grande força no imaginário social é o fato de que as crianças não possuem a capacidade da autonomia, ainda que sejam entendidas como sujeito. Essa talvez seja uma barreira que impede que as histórias dessas crianças que se percebem gênero discordante não ultrapassem as portas de suas casas e que sejam vistas como um fenômeno de relevância investigativa.

Este estudo apresenta suas limitações, particularmente em relação às bases de dados utilizadas e publicações, porém não inviabiliza a relevância do estudo que levanta

perspectivas de novas buscas e ampliação do campo investigativo.

REFERÊNCIAS

1. Costa T. *Psicanálise com crianças*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 2007.
2. Franco N, Ferreira NVC. Escritas de si: gênero e sexualidades em suspensão. *Teoria Soc.* 2018; 25(1): 61-81.
3. Bento B. *Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EDUFBA; 2017.
4. Franco N, Cicillini GA. Travestis, transexuais e transgêneros na escola: um estado de arte. *Cad Pesqui.* 2016; 23(2): 122-37.
5. Bento B. *O que é transexualidade?* São Paulo: Brasiliense; 2012.
6. Benedetti MR. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro: Garamond; 2005.
7. Monteiro FSCT, Araújo AMM, Guedelho CJL, Beserra CVEA, Machado CS. *Transexualidade infantil na psicologia: uma revisão bibliográfica*. *Mangaio Acad.* 2017; 2(3): 1-8.
8. Severino AJ. *Metodologia do trabalho científico*. 24ª ed. São Paulo: Cortez; 2016.
9. Denzin NK, Lincoln YS. *A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa*. In: Denzin NK, Lincoln YS, et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2ª ed. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed; 2007.
10. Elian IT, Barbosa NF. *Tomboy e Ma vie en rose: cinema, gênero, sexualidade e educação*. *Temporis(Ação)*. 2015; 15(1):30-44.
11. Rodrigues CM, Barros SC. *Transexualidade na infância: reflexões a partir do documentário “Meu eu secreto - histórias de crianças trans”*. *Bagoas - Estudos Gays: Gen Sexual.* 2016; 10(14): 297-320.
12. Louro GL. *Cinema e sexualidade*. *Educ Real.* 2008; 33(1):81-97.
13. Arana AP, Magalhães, JC. *Filhos transgêneros merecem aceitação, respeito e amor: análise da reportagem do site Dicas de Mulher*. *Momento: Dial Educ.* 2018; 27(1):335-50.
14. Kennedy N. *Crianças transgênero: mais do que um desafio teórico*. *Cronos.* 2010; 11(2):1-41.

15. Jesus JG. Crianças trans: memórias e desafios teóricos. In: Anais do III Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades. Salvador: Universidade do Estado da Bahia; 2013. p. 1-14.
16. Oliveira LMR. Fronteiras, tensões e prazeres na vivência infantojuvenil de gênero: um estudo etnográfico e mãe-biográfico a respeito da vivência trans durante a infância: 18º REDOR - Perspectivas Feministas de Gênero; 2014.
17. Oliveira LMR. Maria/Pedro: um estudo sobre vivências, identificações e variações de gênero no período da infância. RBSE. 2018; 17(49): 81-96.
18. Zanette JE, Felipe J. Dos enigmas da infância: quando a transexualidade tensiona os scripts de gênero. In: Albuquerque SS, Felipe J, Corso LV. Para pensar a Educação Infantil em tempos de retrocessos: lutamos pela educação infantil. Porto Alegre: Evangraf; 2017.
19. Marchi MIC, Vanin MRLC. O reencontro com a identidade de gênero: contribuições da visão sistêmica novo-paradigmática e do psicodrama infantil. Estud Psicol. 2005; 22(2):175-85.
20. Dias MMF, Cavalcante DRR, Targino LS, Albuquerque Filho MC, Cayana EG. Transtorno de identidade de gênero infantil. Campina Grande: Anais do XII Colóquio Nacional Representações de Gênero e Sexualidades; 2016. p. 1-9.
21. Colapinto J. Sexo trocado: a história real do menino criado como menina. Rio de Janeiro: Ediouro; 2001.

Conflito de interesses: Os autores declaram não haver conflito de interesses.

Participação dos autores:

- **Concepção:** Gonçalves MVGS, Franco N.
- **Desenvolvimento:** Gonçalves MVGS, Franco N.
- **Redação e revisão:** Gonçalves MVGS, Franco N.

Como citar este artigo: Gonçalves MVGS, Franco N. Olhares e abordagens sobre crianças trans. J Health NPEPS. 2019; 4(2):405-422.

Submissão: 24/07/2019

Aceito: 29/11/2019

Publicado: 01/12/2019